
Textos

Francis Ponge

CHUVA

A chuva, no pátio em que a olho cair, desce em andamentos muito diversos. No centro, é uma fina cortina (ou rede) descontínua, uma queda implacável mas relativamente lenta de gotas provavelmente bastante leves, uma precipitação sempiterna sem vigor, uma fração intensa do meteoro puro. A pouca distância das paredes da direita e da esquerda caem com mais ruído gotas mais pesadas, individuadas. Aqui parecem do tamanho de um grão de trigo, lá de uma ervilha, adiante quase de uma bola de gude. Sobre o rebordo, sobre o parapeito da janela a chuva corre horizontalmente ao passo que na face inferior dos mesmos obstáculos ela se suspende em balas convexas. Seguindo toda a superfície de um pequeno teto de zinco abarcado pelo olhar, ela corre em camada muito fina, ondeada por causa de correntes muito variadas devido a imperceptíveis ondulações e bossas da cobertura. Da calha contígua onde escoar com a contenção de um riacho fundo sem grande declive, cai de repente em um filete perfeitamente vertical, grosseiramente entrançado, até o solo, onde se rompe e espirra em agulhetas brilhantes.

Cada uma de suas formas tem um andamento particular; a cada uma corresponde um ruído particular. O todo vive com intensidade, como um mecanismo complicado, tão preciso quanto casual, como uma relojoaria cuja mola é o peso de uma dada massa de vapor em precipitação.

O repique no solo dos filetes verticais, o gluglu das calhas, as minúsculas batidas de gongo se multiplicam e ressoam ao mesmo tempo em um concerto sem monotonia, não sem delicadeza.

Quando a mola se distende, certas engrenagens por algum tempo continuam a funcionar, cada vez mais lentamente, depois toda a maquinaria pára. Então, se o sol reaparece, tudo logo se desfaz, o brilhante aparelho evapora: choveu.

Tradução de *Júlio Castañon Guimarães*

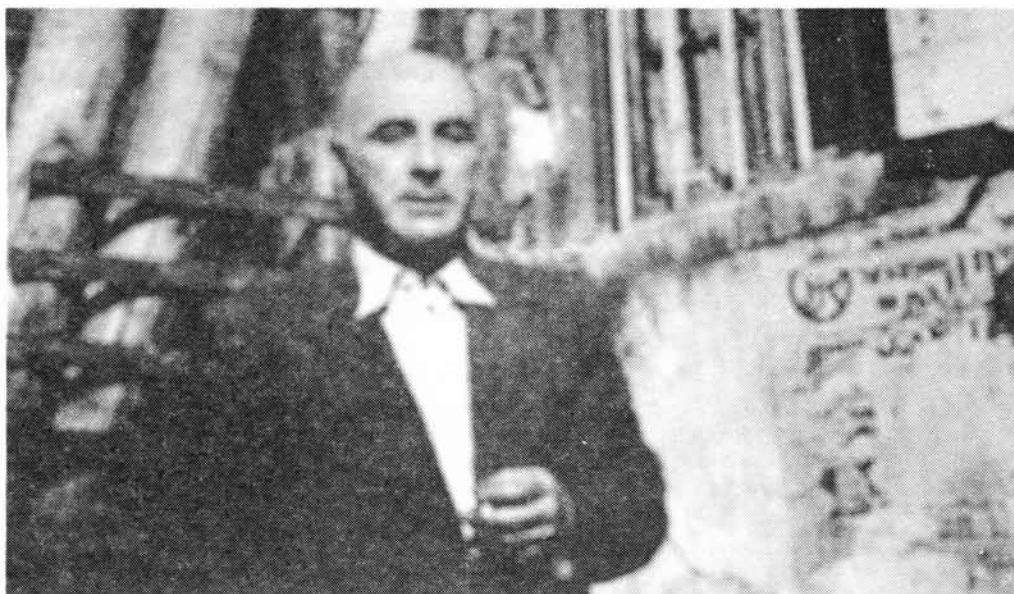
O FOGO

O fogo estabelece uma classificação: primeiro, todas as chamas se encaminham em uma direção...

(Só se pode comparar a andadura do fogo à dos animais: é preciso que desocupe este lugar para ocupar aquele outro; caminha a um só tempo como ameiba e como girafa, o pescoço à frente, os pés rampantes)...

Depois, ao passo que as massas metodicamente contaminadas se aniquilam, os gases liberados vão-se transformando numa só rampa de borboletas.

Tradução de *Júlio Castañon Guimarães*



Banco de Dados

Francis Ponge

PLUIE

La pluie, dans la cour où je la regarde tomber, descend à des allures très diverses. Au centre c'est un fin rideau (ou réseau) discontinu, une chute implacable mais relativement lente de gouttes probablement assez légères, une précipitation sempiternelle sans vigueur, une fraction intense du météore pur. A peu de distance des murs de droite et de gauche tombent avec plus de bruit des gouttes plus lourdes, individuées. Ici elles semblent de la grosseur d'un grain de blé, là d'un pois, ailleurs presque d'une bille. Sur des tringles, sur les accoudoirs de la fenêtre la pluie court horizontalement tandis que sur la face inférieure des mêmes obstacles elle se suspend en berlingots convexes. Selon la surface entière d'un petit toit de zinc que le regard surplombe elle ruisselle en nappe très mince, moirée à cause de courants très variés par les imperceptibles ondulations et bosses de la couverture. De la gouttière attenante où elle coule avec la contention d'un ruisseau creux sans grande pente, elle choisit tout à coup en un filet parfaitement vertical, assez grossièrement tressé, jusqu'au sol où elle se brise et rejaillit en aiguillettes brillantes.

Chacune de ses formes a une allure particulière; il y répond un bruit particulier. Le tout vit avec intensité comme un mécanisme compliqué, aussi précis que hasardeux, comme une horlogerie dont le ressort est la pesanteur d'une masse donnée de vapeur en précipitation.

La sonnerie au sol des filets verticaux, le glou-glou des gouttières, les minuscules coups de gong se multiplient et résonnent à la fois en un concert sans monotonie, non sans délicatesse.

Lorsque le ressort s'est détendu, certains rouages quelque temps continuent à fonctionner, de plus en plus ralentis, puis toute la machinerie s'arrête. Alors si le soleil reparaît tout s'efface bientôt, le brillant appareil s'évapore: il a plu.

(de *Le parti pris des choses*)

LE FEU

Le feu fait un classement: d'abord toutes les flammes se dirigent en quelque sens...

(L'on ne peut comparer la marche du feu qu'à celle des animaux: il faut qu'il quitte un endroit pour en occuper un autre; il marche à la fois comme une amibe et comme une girafe, bondit du col, rampe du pied)...

Puis, tandis que les masses contaminées avec méthode s'écroulent, les gaz qui s'échappent sont transformés à mesure en une seule rampe de papillons.

(de *Le parti pris des choses*)

O PEDAÇO DE CARNE

Cada pedaço de carne é uma espécie de fábrica, moinhos e lagares de sangue.
Tubulações, altos fornos, cubas – vizinhos de martelos – pilões, coxins de graxa.
O vapor jorra, fervente. Fogos sombrios ou claros encarnam-se.
Sarjetas a céu aberto carregam escórias e fel.
E lentamente, à noite, à morte, todas essas coisas se resfriam.
Breve, se não a ferrugem, pelo menos outras reações químicas se produzem, liberando odores pestilenciais.

Tradução de *Júlio Castañon Guimarães*

O INSIGNIFICANTE

“O que há de mais atrativo que o azul, a não ser uma nuvem, na dócil claridade?
Por isso prefiro ao silêncio uma teoria qualquer e, mais ainda, a uma página branca
um escrito quando passa por insignificante.
É todo meu exercício e meu suspiro higiênico.”

Tradução de *Júlio Castañon Guimarães*

A PAISAGEM

O horizonte, sobrelinhado com acentos vaporosos, parece escrito em pequenos caracteres, com tinta mais ou menos pálida segundo os jogos de luz.
Do que está mais próximo, não usufruo mais do que como de um quadro,
Do que está ainda mais próximo, do que como de esculturas, ou arquiteturas,
A seguir, da própria realidade das coisas a meus pés, como de alimentos, com uma sensação de verdadeira indigestão,
Até que finalmente em meu corpo tudo se engolfa e levanta vôo pela cabeça, como que por chaminé que desembocasse em pleno céu.

Tradução de *Júlio Castañon Guimarães*

O SOL FLOR EM FASTÍGIO

TODOS OS DIAS NO ÁPICE DO MUNDO
UMA FLOR SE ALÇA EM FASTÍGIO.
SEU ESPLENDOR DESFAZ SUA HASTE
QUE GALGA ENTRE OS DOIS OLHOS
DA ESTREITÍSSIMA NATUREZA
PARA DESTA A FRONTE DESUNIR.
SUA RAIZ ESTÁ EM NOSSOS CORAÇÕES.

A raiz do que nos ofusca está em nossos corações.

Tradução de *Júlio Castañon Guimarães*

MY CREATIVE METHOD

Sidi-Madani, quinta-feira, 18 de dezembro de 1947

Sem dúvida não sou muito inteligente: em todo caso as idéias não são o meu forte. Sempre fui iludido por elas. As opiniões mais bem fundamentadas, os sistemas filosóficos mais harmoniosos (os mais bem constituídos) sempre me pareceram absolutamente frágeis, me provo-

LE MORCEAU DE VIANDE

*Chaque morceau de viande est une sorte d'usine, moulins et pressoirs à sang.
Tubulures, hauts fourneaux, cuves y voisinent avec les marteaux-pilons, les coussins
de graisse.*

La vapeur y jaillit, bouillante. Des feux sombres ou clairs rougeoient.

Des ruisseaux à ciel ouvert charrient des scories avec le fiel.

Et tout cela refroidit lentement à la nuit, à la mort.

Aussitôt, sinon la rouille, du moins d'autres réactions chimiques se produisent, qui dégagent des odeurs pestilentielles.

(de *Le parti pris des choses*)

L'INSIGNIFIANT

"Qu'y a-t-il de plus engageant que l'azur si ce n'est un nuage, à la clarté docile?

*Voilà pourquoi j'aime mieux que le silence une théorie quelconque, et plus encore
qu'une page blanche un écrit quand il passe pour insignifiant.*

C'est tout mon exercice, et mon soupir hygiénique."

(de *Pièces*)

LE PAYSAGE

*L'horizon, surligné d'accents vaporeux, semble écrit en petits caractères, d'une encre
plus ou moins pâle selon les jeux de lumière.*

De ce qui est plus proche je ne jouis plus que comme d'un tableau,

De ce qui est encore plus proche que comme de sculptures, ou architectures,

*Puis de la réalité même des choses jusqu'à mes genoux, comme d'aliments, avec une
sensation de véritable indigestion.*

*Jusqu'à ce qu'enfin, dans mon corps tout s'engouffre et s'envole par la tête, comme
par une cheminée qui débouche en plein ciel.*

(de *Pièces*)

LE SOLEIL FLEUR FASTIGIÉE

*TOUS LES JOURS AU FAÎTE DU MONDE
MONTE UNE FLEUR FASTIGIÉE.*

*SA SPLENDEUR EFFACE SA TIGE
QUI GRIMPE ENTRE LES DEUX YEUX*

*DE LA TROP ÉTROITE NATURE
POUR EN DISJOINDRE LE FRONT.*

SA RACINE EST EN NOS COEURS.

La racine de ce qui nous éblouit est dans nos cœurs.

(de *Pièces*)

MY CREATIVE METHOD

Sidi-Madani, jeudi 18 décembre 1947

*Sans doute ne suis-je pas très intelligent: en tout cas les idées ne sont pas mon fort.
J'ai toujours été déçu par elles. Les opinions les mieux fondées, les systèmes philosophiques les
plus harmonieux (les mieux constitués) m'ont toujours paru absolument fragiles, causé un certain*

caram uma certa repugnância, vazio na alma, uma penosa sensação de inconsistência. Não me sinto de modo algum seguro das proposições que lanço durante uma discussão. As que me são opostas parecem-me quase sempre igualmente válidas; digamos, para sermos exatos: nem mais nem menos válidas. Posso ser convencido, desarmado com facilidade. E quando digo que posso ser convencido: trata-se, senão de alguma verdade, pelo menos da fragilidade de minha própria opinião. Além do mais, o valor das idéias parece-me na maioria dos casos em razão inversa ao ardor empregado para expô-las. O tom da convicção (e mesma da sinceridade) é adotado, assim me parece, tanto para convencer-se a si mesmo quanto para convencer o interlocutor, e mais ainda talvez para "substituir" a convicção. De qualquer modo, para substituir a verdade ausente das proposições emitidas. Eis o que sinto de modo bem forte.

Assim, as idéias como tal parecem-me aquilo de que sou menos capaz, e não me interessam mesmo. Vocês me dirão sem dúvida que aqui há uma idéia (uma opinião)... mas: as idéias, as opiniões me parecem dirigidas em cada um de nós por algo que não o livre-arbítrio ou o juízo. Nada me parece mais subjetivo, mais epifenomenal.

Não compreendo muito que as pessoas se jactem delas. Eu acharia insuportável que se pretendesse impô-las. Querer apresentar sua opinião como válida objetivamente, ou em termos absolutos, parece-me tão absurdo quanto afirmar por exemplo que os cabelos louros cacheados são mais "verdadeiros" que os cabelos pretos lisos, o canto do rouxinol mais perto da verdade que o relincho do cavalo. (Em compensação sou bastante propenso à formulação e talvez tenha algum dom para ela. "Eis o que você quer dizer..." e em geral obtenho daquele que falava a concordância com a fórmula que lhe proponho. Este é um dom de escritor? Talvez.)

Caso um pouco diferente é o do que chamarei de constatações; digamos, se preferirem, as idéias experimentais. Sempre me pareceu desejável que houvesse um entendimento, senão quanto às opiniões, pelo menos quanto a fatos bem determinados, e se isso ainda parece muito pretensioso, pelo menos quanto a algumas definições sólidas.

Talvez fosse natural que com tais disposições (desgosto pelas idéias, gosto pelas definições) eu me dedicasse ao recenseamento e à definição em primeiro lugar dos objetos do mundo exterior e entre eles daqueles que constituem o universo familiar dos homens de nossa sociedade, em nossa época. E por quê, me objetarão, recomeçar o que foi feito em várias oportunidades e bem estabelecido nos dicionários e enciclopédias? – Mas, responderei, por que e como é que existem vários dicionários e enciclopédias na mesma língua na mesma época e que suas definições dos mesmos objetos não são idênticas? Sobretudo, como é que no caso parece estar mais em questão a definição das palavras que a definição de coisas? Por que posso ter essa impressão, para dizer a verdade bastante extravagante? Por que essa diferença, essa margem inconcebível entre a definição de uma palavra e a descrição da coisa que essa palavra designa? Por que as definições dos dicionários nos parecem tão lamentavelmente desprovidas de concreto e as descrições (dos romances ou poemas, por exemplo) tão incompletas (ou muito particulares e detalhadas, ao contrário), tão arbitrárias, tão temerárias? Não poderíamos imaginar uma espécie de escritos (novos) que, situando-se mais ou menos entre os dois gêneros (definição e descrição), tomariam emprestados do primeiro sua infalibilidade, sua indubitabilidade, sua brevidade também, do segundo seu respeito pelo aspecto sensorial das coisas...

Tradução de *Júlio Castañon Guimarães*

MARGENS DO LOIRE

Roanne, 24 de maio de 1941

Que doravante nada me faça voltar atrás em minha determinação: jamais sacrificar o objeto de meu estudo à valorização de algum achado verbal que eu tiver feito a seu propósito, nem ao arranjo em poema de vários desses achados.

Voltar sempre ao próprio objeto, ao que ele tem de bruto, de "diferente": diferente em particular do que já (neste momento) escrevi sobre ele.

Que meu trabalho seja o de uma retificação contínua de minha expressão (sem preocupação *a priori* com a forma dessa expressão) em favor do objeto bruto.

Assim, ao escrever "sobre" o Loire em um lugar das margens desse rio, deverei mergulhar nele constantemente meu olhar, meu espírito. A cada vez que ele tiver "secado" sobre uma expressão, mergulhá-lo de novo na água do rio.

écoeurement, vague à l'âme, un sentiment pénible d'inconsistance. Je ne me sens pas le moins du monde assuré des propositions qu'il m'arrive d'émettre au cours d'une discussion. Celles qui me sont opposées me semblent presque toujours aussi valables; disons, pour être exact: ni plus ni moins valables. On me convainc, on me démonte facilement. Et quand je dis qu'on me convainc: c'est, sinon de quelque vérité, du moins de la fragilité de ma propre opinion. Qui plus est, la valeur des idées m'apparaît le plus souvent en raison inverse de l'ardeur employée à les émettre. Le ton de la conviction (et même de la sincérité) s'adopte, me semble-t-il, autant pour se convaincre soi-même que pour convaincre l'interlocuteur, et plus encore peut-être pour remplacer la conviction. En quelque façon, pour remplacer la vérité absente des propositions émises. Voilà ce que je sens très fort.

Ainsi les idées comme telles me paraissent ce dont je suis le moins capable, et elles ne m'intéressent guère. Vous me direz sans doute qu'il s'agit ici d'une idée (d'une opinion),... mais: les idées, les opinions me paraissent commandées en chacun de nous par tout autre chose que le libre arbitre, ou le jugement. Rien ne me paraît plus subjectif, plus épiphénoménal.

Je ne comprends pas trop qu'on s'en vante. Je trouverais insupportable qu'on prétende les imposer. Vouloir donner son opinion pour valable objectivement, ou dans l'absolu, me paraît aussi absurde que d'affirmer par exemple que les cheveux blonds blouclés sont plus vrais que les cheveux noirs lisses, le chant du rossignol plus près de la vérité que le hennissement du cheval. (Par contre je suis assez porté à la formulation et peut-être y ai-je quelque don. "Voici ce que vous voulez dire..." et généralement j'obtiens l'accord de celui qui parlait sur la formule que je lui propose. Est-ce là un don d'écrivain? Peut-être.)

Il en est un peu autrement de ce que j'appellerai les constatations; mettons, si l'on préfère, les idées expérimentales. Il m'a toujours semblé souhaitable que l'on s'entende, sinon sur des opinions, au moins sur des faits bien établis, et si cela paraît encore trop prétentieux, au moins sur quelques solides définitions.

Peut-être était-il naturel qu'en de telles dispositions (dégoût des idées, goût des définitions) je me consacre au recensement et à la définition d'abord des objets du monde extérieur, et parmi eux de ceux qui constituent l'univers familier des hommes de notre société, à notre époque. Et pourquoi, m'objectera-t-on, recommencer ce qui a été fait à plusieurs reprises, et bien établi dans les dictionnaires et encyclopédies? – Mais, répondrai-je, pourquoi et comment se fait-il qu'il existe plusieurs dictionnaires et encyclopédies en la même langue dans le même temps, et que leurs définitions des mêmes objets ne soient pas identiques? Surtout, comment se fait-il qu'il semble s'y agir plutôt de la définition des mots que de la définition de choses? D'où vient que je puisse avoir cette impression, à vrai dire assez saugrenue? D'où vient cette différence, cette marge inconcevable entre la définition d'un mot et la description de la chose que ce mot désigne? D'où vient que les définitions des dictionnaires nous paraissent si lamentablement dénuées de concret, et les descriptions (des romans ou poèmes, par exemple) si incomplètes (ou trop particulières et détaillées au contraire), si arbitraires, si hasardeuses? Ne pourrait-on imaginer une sorte d'écrits (nouveaux) qui, se situant à peu près entre les deux genres (définition et description), emprunteraient au premier son infaillibilité, son indubitabilité, sa brièveté aussi, au second son respect de l'aspect sensoriel des choses...

(de Méthodes)

BERGES DE LA LOIRE

Roanne, le 24 mai 1941

Que rien désormais ne me fasse revenir de ma détermination: ne sacrifier jamais l'objet de mon étude à la mise en valeur de quelque trouvaille verbale que j'aurai faite à son propos, ni à l'arrangement en poème de plusieurs de ces trouvailles.

En revenir toujours à l'objet lui-même, à ce qu'il a de brut, de différent: différent en particulier de ce que j'ai déjà (à ce moment) écrit de lui.

Que mon travail soit celui d'une rectification continuelle de mon expression (sans souci a priori de la forme de cette expression) en faveur de l'objet brut.

Ainsi, écrivant sur la Loire d'un endroit des berges de ce fleuve, devrai-je y replonger sans cesse mon regard, mon esprit. Chaque fois qu'il aura séché sur une expression, le replonger dans l'eau du fleuve.

Reconhecer o maior direito do objeto, seu direito imprescritível, oponível a qualquer poema... Já que em relação a nenhum poema jamais deixa de haver apelação a *minima* por parte do objeto do poema, assim como não deixa de haver acusação de fraude.

O objeto é sempre mais importante, mais interessante, mais capaz (cheio de direitos): não tem qualquer dever diante de mim, eu é que tenho todos os deveres para com ele.

O que as linhas precedentes não dizem de modo suficiente: "em consequência", jamais deter-me na forma "poética" – "devendo" esta, no entanto, ser utilizada em um momento de meu estudo porque ela dispõe um jogo de espelhos que pode fazer com que apareçam certos aspectos do objeto que ficaram obscuros. O entrechoque das palavras, as analogias verbais são "um" dos meios de escutar o objeto.

Jamais tentar "arranjar as coisas". As coisas e os poemas são inconciliáveis.

A questão é saber se queremos fazer um poema ou apresentar uma coisa (na esperança de que o espírito ganhe com isso, dê a seu propósito algum passo novo).

É o segundo termo da alternativa que meu gosto (um gosto violento pelas coisas e pelos progressos do espírito) sem hesitação me leva a escolher.

Minha determinação, portanto, está tomada...

Pouco me importa depois disso que queiram chamar de poema o que dela vai resultar. Quanto a mim, a menor desconfiança de ronrom poético adverte-me apenas que estou caindo na artimanha e provoca meu empenho para sair dela.

Tradução de *Júlio Castañon Guimarães*

APOCALIPSES

1

Com a aurora a ressumar, este sinal: em minha janela, uma árvore nua.

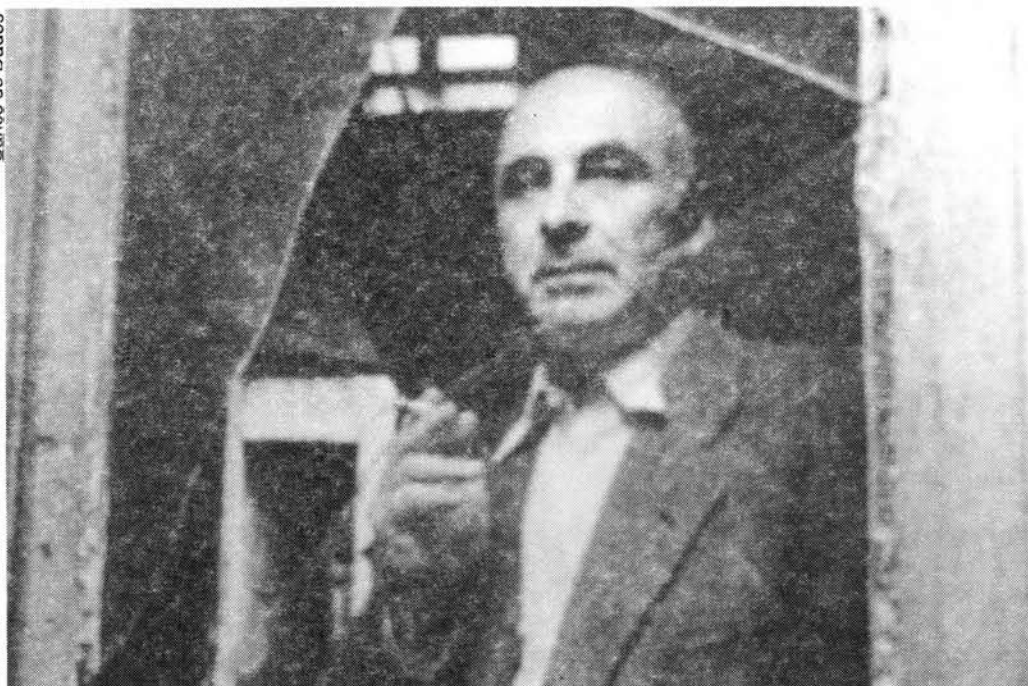
2

Um grito esquartejou a aurora.

Ao homem que retomara o espelho, pareceu-lhe que uma nova noite o invadia. Suplicava que lhe fosse poupada essa insustentável evidência.

Tradução de *Júlio Castañon Guimarães*

Banco de Dados



Francis Ponge

Reconnaître le plus grand droit de l'objet, son droit imprescriptible, opposable à tout poème... Aucun poème n'étant jamais sans appel à minima de la part de l'objet du poème, ni sans plainte en contrefaçon.

L'objet est toujours plus important, plus intéressant, plus capable (plein de droits): il n'a aucun devoir vis-à-vis de moi, c'est moi qui ai tous les devoirs à son égard.

Ce que les lignes précédentes ne disent pas assez: en conséquence, ne jamais m'arrêter à la forme poétique – celle-ci devant pourtant être utilisée à un moment de mon étude parce qu'elle dispose un jeu de miroirs qui peut faire apparaître certains aspects demeurés obscurs de l'objet. L'entrechoc des mots, les analogies verbales sont un des moyens de scruter l'objet.

Ne jamais essayer d'arranger les choses. Les choses et les poèmes sont inconciliables.

Il s'agit de savoir si l'on veut faire un poème ou rendre compte d'une chose (dans l'espoir que l'esprit y gagne, fasse à son propos quelque pas nouveau).

C'est le second terme de l'alternative que mon goût (un goût violent des choses, et des progrès de l'esprit) sans hésitation me fait choisir.

Ma détermination est donc prise...

Peu m'importe après cela que l'on veuille nommer poème ce qui va en résulter. Quant à moi, le moindre soupçon de ronron poétique m'avertit seulement que je rentre dans le manège, et provoque mon coup de reins pour en sortir.

(de *La rage de l'expression*)

APOCALYPSES

1

Dès le suintement de l'aube, ce signal: à ma fenêtre, un arbre nu.

Giuseppe Ungaretti

APOCALISSI

1

*Da una finestra trapelando, luce
Il fastigio dell'albero segnala
Privo di foglie.*

2

Un cri déchira l'aube.

A l'homme qui venait de reprendre son miroir, il parut qu'une nouvelle nuit l'envahissait.

Il suppliait que cette évidence insoutenable lui fût épargnée.

2

*Se unico subitaneo l'urlo squarcia
L'alba, riapparso il nostro specchio solito,
Sarà perché del vivere trascorse
Un'altra notte all'uomo
Che d'ignorarlo supplica
Mentre l'addenta di saperlo l'ansia?*

(de *Nouveau recueil*)

À SONHADORA MATÉRIA

Provavelmente tudo e todos – e nós mesmos – não sejamos mais que sonhos imediatos da divina Matéria:

Produtos textuais de sua prodigiosa imaginação.

E assim, em certo sentido, poderíamos dizer que toda a natureza, inclusive os homens, nada mais é que uma escritura; mas certo tipo de escritura; escritura “não-significativa”, já que não se refere a sistema algum de significação; já que se trata de um universo indefinido: falando claramente, “imenso”, sem medidas.

Ao passo que o mundo das palavras constitui um universo finito.

No entanto, já que composto por esses objetos bastante particulares e particularmente comoventes, os sons significativos e articulados de que somos capazes, que nos servem “a um só tempo” para nomear os objetos da natureza e exprimir nossos sentimentos,

Sem dúvida basta “nomear” não importa o quê – de um determinado modo – para exprimir tudo do homem e, ao mesmo tempo, glorificar a matéria, exemplo para a escritura e providência do espírito.

Tradução de *Júlio Castañon Guimarães*

NOTAS PARA UMA CONCHINHA

“Uma conchinha é uma pequena coisa mas posso desmesurá-la recolocando-a onde a encontro, na superfície da areia. Pois então tomarei de um punhado de areia e observarei o pouco que me resta na mão depois que pelos interstícios dos meus dedos quase todo o punhado escapar, observarei alguns grãos, em seguida cada grão, e nenhum dos grãos de areia me parecerá então uma pequena coisa, e logo a conchinha formal, essa concha de ostra ou essa tiara bastarda, ou essa ‘faca’, me impressionará como um enorme monumento, ao mesmo tempo colossal, e preciso, algo como o templo de Angkor, Saint-Maclou, ou as Pirâmides, com uma significação muito mais estranha que esses por demais incontestáveis produtos humanos. Se então vem-me ao espírito que essa conchinha, que uma lâmina do mar pode sem dúvida encobrir, é habitada por um bicho, se acrescento um bicho a essa conchinha imaginando-a recolocada sob alguns centímetros de água, deixo-vos pensar o quanto se intensificará de novo minha impressão, e se tornará diversa da que poderia produzir o mais notável dos monumentos que evocava há pouco!”

Tradução de *Leda Tenório da Motta*

A LA RÊVEUSE MATIÈRE

Probablement, tout et tous – et nous-mêmes – ne sommes-nous que des rêves immédiats de la divine Matière:

Les produits textuels de sa prodigieuse imagination.

Et ainsi, en un sens, pourrait-on dire que la nature entière, y compris les hommes, n'est qu'une écriture; mais une écriture d'un certain genre; une écriture non-significative, du fait qu'elle ne se réfère à aucun système de signification; qu'il s'agit d'un univers indéfini: à proprement parler immense, sans mesures.

Tandis que le monde des paroles est un univers fini.

Mais du fait qu'il est composé de ces objets très particuliers et particulièrement émouvants, les sons significatifs et articulés dont nous sommes capables, qui nous servent à la fois à nommer les objets de la nature et à exprimer nos sentiments,

Sans doute suffit-il de nommer quoi que ce soit – d'une certaine manière – pour exprimer tout de l'homme et, du même coup, glorifier la matière, exemple pour l'écriture et providence de l'esprit.

(de Nouveau recueil)

NOTES POUR UN COQUILLAGE (1928?)

"Un coquillage est une petite chose, mais je peux la démesurer en la replaçant où je la trouve, posée sur l'étendue du sable. car alors je prendrai une poignée de sable et j'observerai le peu qui me reste dans la main après que par les interstices de mes doigts presque toute la poignée aura filé, j'observerai quelques grains, puis chaque grain, et aucun de ces grains de sable à ce moment ne m'apparaîtra plus une petite chose, et bientôt le coquillage formel, cette coquille d'huître ou cette tiare bâtarde, ou ce 'couteau', m'impressionnera comme un énorme monument, en même temps colossal, et précieux, quelque chose comme le temple d'Angkor, Saint-Maclou, ou les Pyramides, avec une signification beaucoup plus étrange que ces trop incontestables produits d'hommes. Si alors il me vient à l'esprit que ce coquillage, qu'une lame de la mer peut sans doute recouvrir, est habité par une bête, si j'ajoute une bête à ce coquillage en l'imaginant replacé sous quelques centimètres d'eau, je vous laisse à penser de combien s'accroîtra, s'intensifiera de nouveau mon impression, et deviendra différente de celle que peut produire le plus remarquable des monuments que j'évoquais tout à l'heure!"